

O Estado de S. Paulo

19/5/1984

Greves, conflito no Interior. E Montoro ausente

HEBERT LARANJO

Depois de permanecer virtualmente desaparecido durante 72 horas, entre terça, quarta e quinta-feira, o governador Franco Montoro, para surpresa dos jornalistas credenciados no Palácio dos Bandeirantes, irrompeu anteontem alegre e contente na sala de imprensa, recém-chegado de uma viagem a Pirassununga. Descontentes com os freqüentes atrasos do governador e com seu péssimo hábito de convocar entrevistas altas horas da noite, os jornalistas preferiram livrar-se o mais depressa possível do visitante incômodo do que prolongar o encontro inesperado.

Talvez por isso, ou por mera incompetência, os repórteres que entrevistaram o governador tenham esquecido de duas perguntas que precisam ser feitas com a máxima urgência ao chefe do Executivo: onde ele estava nas 72 horas em que os bóias-frias revoltados ameaçavam botar fogo em toda a região canavieira do Estado? Como ele recebeu as pesadas e verdadeiras críticas de omissão feitas pelo desafortunado prefeito de Guariba, Evandro Vitorino?

Responder à primeira pergunta é fácil, bastando apenas verificar a pauta oficial do governador que anda jogada sobre as mesas e pregada nos quadros de avisos da sede do governo. Embora nem sempre fiel à verdade, diz a agenda que o governador, das 9 horas, quando todos os dias começa o seu expediente, até às 11 horas, quando assinou um contrato para reformar um hotel do governo em Campos do Jordão, permaneceu reunido com a sua assessoria especial. Nesse ínterim, a Polícia Militar trocava tiros com os bóias-frias iluminados pelo incêndio do prédio da Sabesp, na pequena cidade de Guariba.

Por volta das 16 horas, quando a imprensa de São Paulo já aguardava uma entrevista do governador sobre a revolta dos bóias-frias, enclausurado em seu gabinete, ele recebia tranqüilamente uma visita de cortesia do embaixador da Grã-Bretanha. John Ure, depois de participar mais cedo de uma reunião da Secretaria de Esportes e Turismo com a finalidade, segundo o noticiário oficial, de "transmitir aos funcionários da Pasta um dos princípios do governo democrático de São Paulo, que é uma filosofia voltada para as prioridades sociais".

Somente às 20 horas, depois que os jornalistas já haviam entrevistado exaustivamente o secretário do Governo, Roberto Gusmão, que assumiu oficialmente a intermediação para acabar com a revolta de Guariba, Montoro resolveu falar. E, numa entrevista simplória e rápida, assistida apenas por raros jornalistas acostumados a pernoitar no Palácio à espera de que Montoro tome suas decisões, ele culpou a crise econômica e pediu "a todos, especialmente aos usineiros, para que nos ajudem a encontrar uma solução", sem saber que Roberto Gusmão estava com o problema tranqüilamente sob controle.

Esta foi a primeira e única manifestação de Montoro sobre a crise porque, entre quarta e quinta-feira, nenhum jornalista viu, nem de longe, o governador de São Paulo. Segundo a pauta infiel, das 9 horas até às 16 horas do dia 16, quando recebeu em audiência a diretoria da Adep — Associação dos Dirigentes de Empresas Públicas —, Montoro participou de uma reunião do Conselho Jurídico-Administrativo. Nesse ínterim, começaram a chegar notícias de que a explosão de Guariba poderia ser reprisada em Bebedouro.

Um press-release da Assessoria de Imprensa do governo informou a importância da reunião do conselho: "O governador Franco Montoro presidiu na manhã de ontem (16) reunião do Conselho Jurídico-Administrativo, durante a qual os titulares de cada Secretaria de Estado

envolvidos, se referiram ao Projeto-Um, que estipula as obras prioritárias do governo". Para quem duvida da urgência da reunião, o release esclarece: "Dentro de um mês haverá novo encontro".

Se depois de 14 meses de governo, Montoro ainda não fixou prioridades, isso é problema dele. Mas, para a multidão de jornalistas que aguardava no salão de despachos uma declaração do governador sobre a greve dos "laranjeiros" e dos "canavieiros" o problema é que Montoro precisava esclarecer à opinião pública, de preferência citando números exatos e um balanço oficial e completo a ação repressiva da Polícia Militar no Interior.

Felizmente, mais uma vez surge em cena o supersecretário, Roberto Gusmão, leva os jornalistas para seu gabinete, e, ao mesmo tempo em que responde a perguntas, despacha, atende telefonemas de ministros como Murillo Macedo, marca uma reunião para altas horas da noite com o prefeito para pulverizar a greve dos motoristas de ônibus, liga para secretários, conversa com usineiros, com citricultores e, enfim, governa São Paulo. Sentada à sua frente, a imprensa foi testemunha.

(Página 2)